Poema para Brasília

Há duas semanas, registrei as impressões do meu amigo, o poeta carioca Armando Freitas Filho, sobre Brasília, neste mesmo espaço, vendo a cidade do avião, se extasiando na Catedral, topando com uma muralha azul de mar parado de Athos Bulcão e evocando Clarice Lispector. Ao fim da conversa, Armando prometeu escrever um poema para ser publicado na coluna. Ele cumpriu a promessa. É uma honra

para Brasília, pois Armando é tido, por muitos, como o mais importante poeta brasileiro vivo.

BRASÍLIA, PELO TELEFONE

p/ Severino Francisco

aviso

A voz, ao vivo, no seu ouvido teve mais calor, ou a lembrança construída e imaginada: agora por escrito, tudo irá parecer que perdeu o suor, se enxugou.

aterrissagem

Essa cidade chegou de avião desde a planta, sinal da cruz sim, mas também de asas

procurando pouso no planalto: maquete branca, imóvel por natureza, e nela inserida logo se anima: lago, os carros passam as pessoas andam, há vento e o que parecia simulação em cima da terra vermelha (não mais aparente, porém sentida) é o chão pensado, passado a limpo, debaixo do céu, que usa azul a rigor, com nuvens de anúncio. É a praça aberta até o horizonte que secou seu cimento cinza sem uma ruga no quârador solar.

a pé

Ao piscar parecia que tirava fotos corrigidas, dos palácios monumentos, muito conhecidos

só que agora sem a retícula das sucessivas impressões que chegavam à prova final. Piscava e aparecia uma catedral por onde se entrava através de um piso subterrâneo, escuro para merecer a explosão silenciosa da luz em plena nave feita para os anjos, fora do tempo, voarem. Ou em outro piscar, breve, o que vinha era a pequena capela do palácio feito uma folha enrolada que trazia como timbre, a marca da cruz com um cheiro de cal virgem, de alma que uma mão de tinta, de mármore procurava salvar da inevitável mancha. Sob o sol a pino, repentina, a paisagem se molha, com o mar parado de azulejos

de Athos Bulcão — muralhamar azulando lava os olhos de quem tanto viu durante o dia que se encaminha para noite, que cai (pano lento, ou rápido?) com a alvorada do palácio acentuado pela lua, que reveste o acabamento, a nudez de toda construção.

partir

Dois dias foi minha partida, mas mesmo se tivesse mil e uma noites não saberia contar e decorar Brasília, o código de suas ruas e superquadras, da sua vida como Clarice em cinco, que conseguiu ver até a beleza das "suas estátuas invisíveis"!

Armando Freitas Filho
abril, 2011